



Notícia cantada em poesia: elementos do jornalismo impressos nos folhetos de cordel¹

Gislene CARVALHO²

Universidade Federal do Ceará, Fortaleza, CE

RESUMO

Este trabalho faz uma reflexão sobre as notícias na Literatura de Cordel e as características do Jornalismo que ali encontramos. A presença de notícias acrescidas da opinião do poeta, a narração de fatos e sua interpretação nos oferece um material riquíssimo no que se refere à função social dos cordéis numa sociedade em que a tradição oral se faz marcante. Tais notícias são recebidas pelos cordelistas que fazem delas poesia para ser recitada, impressa e vendida. Pretendemos apontar os elementos jornalísticos que encontramos nos folhetos que se propõem a contar e comentar um fato de grande repercussão, que fazem crítica social ou mesmo aqueles que relatam a biografia de algm personagem importante para o imaginário popular. A importância da literatura de cordel para o grupo em que circula e para a manutenção da memória é que justifica os estudos sobre sua função social, conceitos e características. O cordel não está para substituir o jornal no sertão, como muitos autores afirmam, mas para unir-se a ele na interpretação dos fatos de acordo como eles se fazem presentes na vida dos poetas, no registro de uma memória coletiva, no relato transcrito de uma realidade vivida por eles.

PALAVRAS-CHAVE: Literatura de Cordel, Oralidade, Jornalismo.

Introdução

A Literatura de cordel é uma manifestação cultural que tem origem na voz, nas práticas poéticas orais. Depois da criação feita seguindo padrões métricos e de ritmo da cantoria e dos repentes, a poesia é impressa e colocada a venda. O estímulo para a compra é recebido pelas performances que os poetas fazem para apresentar seus versos e seduzir seus leitores. Quando compram os cordéis, os leitores tornam-se veículos que os transportarão rumo ao infinito.

¹ Trabalho apresentado na Divisão Temática Estudos Interdisciplinares em Comunicação, da Intercom Júnior – Jornada de Iniciação Científica em Comunicação, evento componente do XXXIV Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação.

² Graduada em Comunicação Social pela Universidade Federal do Ceará, email: mgisacarvalho@gmail.com.



Essa literatura aborda os mais diversos temas e é muito comum encontrarmos temas jornalísticos nas páginas dos folhetos: versos que falam de fatos de grande repercussão, críticas sociais, biografias, textos contendo informação e opinião, registrando o cotidiano a partir do ponto de vista do poeta.

O jornalismo torna-se uma fonte de inspiração para os poetas, que transformam a notícia na poesia da voz. A notícia vira verso e a poesia cumpre um papel social de transportar a informação feita de forma subjetiva. É importante avaliar como esse papel se desenvolve, os elementos que fazem do cordel um instrumento de comunicação capaz de informar e opinar sobre os mais diversos acontecimentos.

Os poetas possuem, também, liberdade na escolha dos temas e nas abordagens. A transformação de uma notícia em poesia de cordel recebe, além de ritmo, métrica e forma em versos, um acréscimo no conteúdo, que é a opinião. O texto de cordel transita entre a informação, a literatura e os registros de memória.

Este trabalho reflete sobre alguns elementos de jornalismo nas notícias trabalhadas pela Literatura de Cordel pelos poetas que transformam o cotidiano em poesia e contribuem para a manutenção de uma memória coletiva através de seus versos.

Cordel: a voz impressa

A literatura de cordel é uma manifestação cultural que, embora sua matriz tenha sido trazida pelos colonizadores portugueses, mescla elementos das diversas tradições que passaram pelo Nordeste. Tem uma concepção original de criação coletiva, pois une o poeta/cantador e o leitor/ouvinte. O cordel representa uma poesia que tem base na voz, na oralidade, e apresenta-se impressa em folhetos quando, de acordo com Abreu (1999), os poetas se apropriam dos recursos disponíveis, no caso, as tipografias.

Nesse formato, a poesia se movimenta com maior facilidade e é capaz de propagar ainda mais um caso. “Imagem, texto e som presentes no universo do cordel integram sua identidade.” (ABREU, 1999, p.23). Possui uma leveza tanto física, quanto de preço. Leveza que o permite atingir longas distâncias, mesmo que não tenha grande durabilidade de tempo. E mesmo assim, ainda permanece muito mais que o jornal.

A literatura de cordel segue padrões e obedece a modelos de composição, devido sua origem na voz, sua proximidade com a cantoria, com os repentes, por ser essa sua concepção inicial, só depois é que vai para o papel. As rimas seguem construções de versos em sextilhas e septilhas, que são usadas como recursos mnemônicos. Os poetas buscam não fugir desses padrões que facilitam a memorização a

partir das repetições e dos padrões métricos. O folheto nordestino utiliza signos da cantoria para conservar as marcas da oralidade. “Traz marcas do oral porque foi essa sua concepção original, sua raiz, motivação, porque foi matriz”. (CARVALHO, 1998, p.264)

O cantador repentista domina as modalidades do folheto porque são formas poéticas advindas da cantoria, como as sextilhas, setilhas e décimas, os quais ele faz de improviso, o que não ocorre como regra no caso do folheteiro. O cantador treina sua memória mentalmente para o duelo improvisado, para a disputa, enquanto que o poeta cordelista vai, gradativamente, na medida em que utiliza cada vez mais a escrita, perdendo a capacidade de memorização, embora, em muitos casos não o tenha perdido por completo. (SANTOS, 2010, p. 46)

Para Martine Kunz (2001) os versos são um testemunho que apresentam a realidade em que vivem os poetas. Eles tornam-se porta-vozes daqueles a quem a linguagem escrita permanece inacessível. O leitor não é o agente passivo, receptor neutro de um produto final, mas é um elemento ativo de uma produção de sentido que não lhe é estranha. Ele exerce a função de co-autor, colaborador, pois autor e leitor estão juntos no processo de criação de uma cantoria.

Os folhetos possuem uma mobilização criadora de sentidos e significados. Perpetuam tradições. Possuem uma voz plural, pois se trata uma literatura do povo, uma produção coletiva, criada por inúmeros interlocutores, inúmeras vozes que, juntas, compõem uma obra. É a transmissão de saber e de conhecimento pela voz do poeta, recebida e transmitida pelos ouvintes.

Aos verbos *cantar* e *contar*, utilizados para a produção da poesia, corresponde, do lado da comunidade receptora da mensagem, uma combinação fixa de dois verbos que se pode considerar um tópico: *ver e ouvir*. O público é visto como testemunha ocular e auricular da verdade transmitida e, por sua vez, ao re-contar (repetir, reproduzir) o que “viu e ouviu”, divulgará a memória da comunidade, transformará o saber em tradição. (LEMAIRE, 2007, p. 06)

A origem da Literatura de cordel reside na poesia da voz e depende dela para existir. Baseia-se na oralidade e na proximidade que possui com as cantorias e repentes. Os versos são criados para serem ditos, declamados em voz alta. É a voz que será capaz de atrair ouvintes que, mais adiante, comprarão os folhetos e a partir daí os lerão. Sobre a cantoria de Patativa do Assaré, por exemplo, Carvalho, 2009, afirma que a voz é a matriz poética por excelência e a escrita é o resultado final de um processo de criação.

As apresentações orais, os poemas, as charadas, as disputas não existem apenas no Nordeste Brasileiro, mas é na região que elas têm maior relevância cultural e se desenvolveram com mais força. O espaço oral marcante na região acabou por definir



essa relevância. Os cantadores e poetas se apresentavam nos festejos nas casas-grandes e fazendas, além das feiras e festejos religiosos. O processo de contação de histórias orais inspira-se no costume medieval que encontrou um ambiente propício no Nordeste brasileiro. Essa prática atua na manutenção dos laços sociais entre os indivíduos que se juntavam pra ouvir uma boa história e entreter-se. A performance realizada é capaz de gerar sociabilidade no instante em que existe para atrair ouvintes que se tornarão compradores, leitores e difusores dos folhetos.

Para Lemaire, 2010, essa prática de contação de histórias orais vem desde a idade média, antes da criação da imprensa por Gutemberg. Lemaire, 2010, utiliza a palavra alemã *Zeitung*, que significa originalmente “notícia”, mas hoje em dia designa “jornal”, para trabalhar a evolução do termo e formular perguntas acerca do folheto no Nordeste e suas diferentes funções.

As novidades e notícias eram tradicionalmente divulgadas por cantadores profissionais, masculinos ou femininos, chamados *Zeitungssinger(innen)*. [...] A palavra *zeitung* vem de uma raiz indo-europeia *tidan* que significava acontecer, ocorrer. Os cantadores de notícias cantavam em versos as *zeitugen* ou notícias e, antes e mais nada, as *neue zeitungen* (notícias novas), quer dizer: novidades. (LEMAIRE, 2010, p. 78)

Lemaire, 2007, afirma que a Literatura de Cordel nasce na civilização da oralidade, onde os hábitos tradicionais da transmissão de conhecimento é feita pela voz.

A noção de *performance*, base desses novos estudos, traz a convicção de que o texto linguístico (transcrito, impresso) é insuficiente para conhecer a poesia oral, produto de um evento artístico muito mais diversificado e rico, cujos componentes todos contribuem para a criação e o significado da mensagem poética. (LEMAIRE, 2007, p. 03)

O cordel trata-se de uma literatura fluida, passível de alterações. A matriz oral que as histórias possuem garante a identidade da obra, a qual sofre adaptações, servindo de atrativos para os ouvintes. “Mas o cordel permanece literatura oral na convivência com o folheto e ainda as práticas de cantoria e leitura coletiva tornam sua existência mais rica”. (BRASIL, 2005, p.27)

O público precisa ser seduzido pela palavra cantada, pela força que a oralidade possui ao interpretar sentimentos. A métrica, o ritmo, a voz, o corpo do poeta agem na performance e isso envolve o ouvinte até convencê-lo a tornar-se comprador. Os folhetos são uma transcrição da poesia oral e dela não se desprende.

A presença de um poeta na feira vendendo seus poemas no suporte do papel – em folheto - já implica uma diferença: marca a passagem da voz cantada, recitada, improvisada e performatizada no aqui e agora,



para uma outra maneira de transmissão. Agora, a voz pode (e deve) ser fixada, o que vem a implicar, também, outros tipos de performance e outros processos de “divisão do trabalho” poético. (SANTOS, 2010, p. 49)

Lemaire, 2010, considera que a chegada da imprensa em uma civilização já habituada a difundir notícias oralmente é apropriada pelos poetas por fatores mercadológicos. Os versos, inicialmente cantados, passam a ser impressos e vendidos. A performance continua a existir, mas como um método para atrair os compradores. “Esses poetas da oralidade, improvisadores e memorizadores, já transformavam a tecnologia da escrita em fonte de renda.” (LEMAIRE, 2010, p.80)

Deve ser levada em consideração nessa discussão, que apesar da proximidade entre poesia oral e sua impressão nos folhetos, elas trazem diferenças que vão além do mero formato de circulação. De acordo com Santos, 2010, o folheto traz a memória do texto oral, mas quando vem impressa, apesar de manter as mesmas regras da composição da cantoria, a poesia se fecha,

ele passa a ser uma história que tem começo, meio e fim. Já não é como na cantoria que pode se prolongar e passar semanas a fio tecendo sua existência. No folheto, o tempo da peleja está determinado, o tempo muda, implica em leitura, o que já se refere a uma outra problemática, que tem a ver com um receptor que pode estar em vários locais diferentes para essa leitura. São outros espaços sociais. O que é lido em silêncio não é composto naquele instante, *hic et nunc* (aqui e agora), como a cantoria; ele está em uma outra temporalidade. (SANTOS, 2010, p. 04)

Nas cantorias, enquanto texto baseado na oralidade, utilizando a voz, é que o texto se mantém vivo, mutável, sensível às reações da audiência.

Informação e opinião em versos

*Aqui foi outro resgate
Do poeta cordelista
Que também é um repórter
Igual a um jornalista
Mas narrando diferente
Do jornal e da revista. (Paulo de Tarso).*

Fincado na cultura popular – e aqui compreendemos o povo como um grupo que sustenta uma memória coletiva, o cordel imprime o cotidiano. Feito para ser lido em voz alta, o cordel é interpretado. Assim, a poesia que relata aspectos da realidade (re)construindo-a, é também ressignificada quando a palavra do cordel vira cantoria, expressada pelo ritmo de um corpo inteiro a se manifestar.



Os cordelistas possuem liberdade para falar sobre o assunto que bem entenderem e da forma que quiserem, sem precisar passar pela censura organizacional das grandes empresas – a não ser no caso dos folhetos por encomenda. O aspecto jornalístico desses cordéis é percebido ao se escolher como tema uma notícia factual, ou ainda um fato histórico; e sobre esses assuntos, os poetas tecem seus comentários. A escolha dos temas acontece – na maior parte das vezes – por conta de um agendamento em cima de uma notícia veiculada na mídia. Um fato que apareceu na grande mídia e chamou atenção é reproduzido pelos cordelistas, que levam ao povo, além da descrição do fato, uma análise dele.

*No ultimo dia de maio
Em um domingo marcante
Partiu do Rio de Janeiro
Um avião muito possante
Que tinha como destino
Um país nobre e granfino
A frança, terra distante*

*O vôo 447
Decolou todo normal
Mas no Oceano Atlântico
Veio o desastre fatal
O avião desapareceu
Pois ninguém sobreviveu
No vôo internacional³*

Temos, pois, cordéis factuais como os sobre: o sequestro da adolescente Eloá Pimentel, que chamou a atenção do País em outubro de 2008; o ataque terrorista aos Estados Unidos em 11 de setembro de 2001; a eleição do Presidente Lula em 2002 e 2006. Mas temos também relatos dos feitos e as biografias de protagonistas nordestinos, como: Lampião, Padre Cícero e Patativa do Assaré. Para Carvalho (2002) é a dose certa entre o tradicional e o contemporâneo.

*A história que descrevo,
De um menino carente,
Nascido no Pernambuco,
Estado de clima quente
Que passou fome na vida
Mas, que hoje é presidente!!!⁴*

Os versos dos folhetos trazem a crítica do poeta popular. São manifestações carregadas de opiniões que traduzem a opinião do povo, mesmo que repleta das ideias do senso comum. A crítica social vem travestida na arte cordelista e, ao comentar os acontecimentos, forma opinião. Mas, nos cordéis, a informação que surge tem estética

³ “O vôo 447 da Air France terminou em tragédia” – Chico Salvino, 2009

⁴ “A História do garoto que passou fome e chegou a ser presidente: Luiz Inácio Lula da Silva” – Zé Pessoa In: Lula na Literatura de Cordel. NETO, 2009.



diferenciada da de outros veículos noticiosos. O texto em poesia rimada e a liberdade da qual é dotado o poeta transformam as informações e opiniões publicadas no cordel em uma forma de entretenimento, de diversão popular, muito mais do que um veículo prioritariamente noticioso.

De acordo com Manuel Diegues (1986), os cordéis mais abundantes são os de registros de fatos acontecidos. Os cordéis de acontecidos são aqueles que apresentam como ciclo temático principal fatos que mereceram atenção popular. São fatos que no Jornalismo obedecem a critérios de noticiabilidade⁵ e possuem valores notícia que os tornam relevantes, a ponto de serem noticiados.

Tais fatos tornam-se recorrentes no cotidiano dos poetas, agendados⁶ pela mídia, e eles os transformam em folhetos. Os cordéis transformam-se em veículos de informação, atuando junto com o jornal, a televisão e o rádio, começando a perder espaço com a chegada destes últimos.

Os temas do Nordeste que têm consequências sociais, econômicas e humanas, sempre foram recorrentes nos versos populares. Mas os poetas não deixam de lado temas de grande repercussão nacional. Servem como registro e interpretação de fatos e acontecimentos sociais. Manuel Diegues (1986) divide os folhetos de acontecidos em “manifestações de natureza física”, “fatos de repercussão social”, “cidade e vida urbana” e “elemento humano”.

As manifestações de natureza físicas são, principalmente, referente a secas e enchentes. São temas frequentes no imaginário do homem do sertão. Tais folhetos apresentam aspectos trágicos desses ocorridos. São esses fenômenos naturais que expulsam os sertanejos de suas terras e os levam a buscar uma vida melhor nas cidades. Exemplo de relatos como este, encontramos na “Triste Partida” de Patativa do Assaré.

*Setembro passou,
com outubro e novembro
Já tamo em dezembro.
Meu Deus, que é de nós?
Assim fala o pobre
do seco Nordeste,*

⁵ A aptidão potencial de um fato tornar-se notícia chama-se noticiabilidade. Trata-se de um conjunto de requisitos que se exige de um acontecimento para torná-lo notícia. É regrada por “valores-notícias” que são conjuntos de elementos e princípios, através dos quais os acontecimentos são avaliados pelos meios de comunicação de massa e são analisadas suas potencialidades de produzir resultados e novos eventos que se transformarão em novas notícias. HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

⁶ Trata-se da capacidade dos meios de comunicação de pautar os assuntos que irão circular na sociedade, além de influenciar as opiniões e as notícias que circulam também nos outros veículos. Estabelece uma relação entre a agenda da mídia e a dos receptores. HOHLFELDT, Antonio. 2001.



*Com medo da peste,
Da fome feroz.*

*A treze do mês
ele fez a experiência,
Perdeu sua crença
Nas pedra de sá.
Mas nôta experiência
com gosto se agarra,
pensando na barra
Do alegre Natá.⁷*

Os folhetos classificados como “fatos de repercussão social” são os que apresentam fatos de grande interesse público. Desastres, acidentes, crimes, tragédias, assuntos políticos, dentre outros. Percebemos que são utilizados os mesmos critérios de noticiabilidade definidos pelo gatekeeper⁸ no processo de newsmaking⁹. É dada prioridade a fatos de relevância pública, novidades, notabilidade e tragédias. “Refletem tais fatos os acontecimentos do dia, o que desperta interesse através da acolhida que lhe dão jornais e revistas, rádio e televisão, na difusão dos aspectos principais do ocorrido”. (DIEGUES JR., 1986, p. 98). É um registro do momento histórico vivido a partir da ótica do poeta, que insere subjetividade na escolha e na forma como relata os fatos.

Os assuntos políticos também são temas bastante explorados pela literatura popular em verso. Vitórias políticas como as de Getúlio Vargas e a do Presidente Lula, aparecem narrando os fatos, mostrando, quase sempre, seu aspecto positivo. Os relatos fazem referência tanto ao personagem de destaque quanto à repercussão do fato.

*Suicidou-se Getúlio?
Não, leitores, isto não!
Mataram doutor Getúlio
Com a arma da traição
Venderam-lhe e ameaçaram-lhe
Ferindo seu coração.¹⁰*

Os folhetos referentes à “Cidade e Vida Urbana” descrevem a vida nas cidades pela ótica dos poetas, os hábitos, os costumes, aspectos que traduzem a impressão do poeta sobre aquela realidade que, muitas vezes, não é a sua. Aparece nos folhetos o relato das imagens mais marcantes da vida na cidade.

⁷ “A triste partida” – Patativa do Assaré In: **Cordéis e outros poemas**. Fortaleza: UFC, 2006

⁸ O Gatekeeper é o personagem dentro da redação, responsável pela escolha dos fatos que irão virar notícia, pela filtragem dos fatos a partir das normas editoriais do veículo de comunicação. privilegia a ação pessoal, ou seja, o trabalho do jornalista enquanto indivíduo instituído de opiniões e consciência. Refere-se àqueles que têm poder para decidir o que será notícia. Ele é o próprio jornalista. HOHLFELDT, Antonio. 2001

⁹ Diz respeito às rotinas de trabalho jornalístico na “escolha/elaboração” de assuntos que possuem noticiabilidade. Dá destaque à produção de informações ou à transformação dos fatos diários em notícia a ser publicada. **IDEM**

¹⁰ Rodolfo Coelho Cavalcante apud Curran, 2003.



Outro tema que aparece com frequência nos ciclos temáticos de fatos acontecidos é o elemento humano. Refere-se a personagens que se destacaram, tornando-se populares na memória coletiva. É neste elemento que nos deteremos nesta pesquisa, sendo utilizada a imagem do presidente Lula. O personagem tem uma dimensão social vista pelos poetas populares, que fixam suas atitudes, registrando-as.

A literatura de cordel reflete a sensibilidade coletiva, “a repercussão de atos ou gestos, benéficos ou maus, traduzindo o como e também o porquê as populações o acolhem, e não raro os conservam.” (DIEGUES JR., 1986, p. 131). Os relatos representam valores e traduzem as manifestações dos sentimentos dessas sociedades.

Aparecem, portanto, figuras célebres como políticos, artistas, religiosos, cangaceiros, personagens míticos. Getúlio Vargas é a figura política que mais se aproxima de Lula na quantidade de folhetos biográficos. Ambos têm uma imagem política bem aceita pelos poetas populares que escrevem como forma de homenagear e descrever os processos eleitorais e de governo.

Também muito recorrentes são os temas ligados à religião e ao misticismo. As imagens de Padre Cícero, Frei Damião e Antônio Conselheiro representam a fé dos sertanejos e sua devoção. Em narrativas de sagas, de milagres, Padre Cícero é o personagem mais tratado nos folhetos de cordel.

A imagem dos cangaceiros também aparece. Principalmente Antônio Silvino e Lampião. A poesia popular registrou as passagens dos bandos de cangaceiros por diversas cidades do interior do Nordeste. De modo geral, os poetas se mostram simpáticos às causas dos cangaceiros, acreditando que eles eram vítimas das circunstâncias sociais, da injustiça. Até mesmo nos folhetos sobre Lampião, encontram-se justificativas para suas atitudes: a vingança pelas perseguições e mortes em sua família. Mas relata-se também o outro lado do banditismo, os crimes, a crueldade, as mortes, os abusos e tudo que mostra os cangaceiros como criminosos.

Os fatos acontecidos que aparecem nos folhetos foram, normalmente, conhecidos por outras mídias. Ficam registrados nos cordéis (CASCUDO apud CURRAN, 2003) os assuntos acima da norma cotidiana, que vão para o documentário poetizado no interior dos sertões do Nordeste. Os fatos que marcam as vidas dos sertanejos alimentam a literatura de cordel.

Citando Noblat, Curran, 2003, concorda que a produção de cordéis de acontecidos se dá de forma muito parecida com a prática realizada nas redações de jornais: narram os principais acontecimentos, interpretam e opinam sobre eles.



Contribuem para a formação da opinião pública. “O folheto de época é o jornal dos que não lêem jornais no interior nordestino” (CURRAN, 2003, p. 25)

O cordel tem a função social de registrar os fatos e transcrevê-los para a linguagem cotidiana daqueles que irão recebê-lo. Os assuntos devem despertar o interesse do público, ou ainda, ser de grande relevância nacional. São temas que envolvem figuras políticas importantes, ou celebridades, e ainda fatos marcantes para a história.

De acordo com Luyten (1992), os cordéis atuam como mediadores entre os meios de comunicação tradicionais e os receptores da notícia que se encontram no que ele chama de locais específicos, que se entende como o sertão, ou qualquer outro lugar em que se tenha difícil acesso às informações.

O autor defende que, ao contrário do que muitos pregam, o cordel não está em vias de se acabar, pelo contrário, ele está mudando de público – agora, estudantes, pesquisadores e turistas são quem costumam comprar os folhetos; e de localização geográfica – do sertão para as regiões urbanas. Porém, Roberto Benjamim, apud Luyten (1992) afirma que “o cordel é mais forte que a cultura erudita no Brasil”.

A literatura de cordel, quando trata de fatos circunstanciais, traz elementos interpretativos e opinativos relacionados à notícia trabalhada. Luyten (1992) concorda que as mensagens de cunho informativo trazidas pelos folhetos têm os mesmos valores-notícia dos veículos de massa, que são, normalmente, referentes a pessoas famosas e importantes, mortes, desastres naturais, enfim, assuntos que despertam o interesse público.

O cordel aproxima-se do jornalismo quando seu texto possui elementos como atualidade e a difusão coletiva. Os poetas apresentam e comentam os fatos, e distribuem os folhetos da forma que julgam interessar ao público. Fogem dos elementos periodicidade – a produção não se propõe a manter uma continuidade, nem de seguir os mesmos padrões das outras mídias que têm necessidade do “furo jornalístico” – e universalidade, pois sua linguagem se dirige a um público específico.

A regularidade na literatura de cordel e, principalmente nos folhetos de acontecidos, é um grande entrave. Nunca se sabe se haverá edições futuras. Mas Luyten sustenta a hipótese de que o poeta age como um líder de opinião¹¹, baseando-se nos

¹¹ A teoria do fluxo de comunicação a dois níveis, de Paul Lazarsfeld (two-step flow of communication) apresenta a mediação que os líderes exercem entre os meios de comunicação e os outros indivíduos do



conceitos trabalhados por Paul Lazarsfeld. O cordelista seria responsável por “traduzir” uma determinada informação e difundir a opinião que será atribuída como coletiva. Ele vai interpretar os fatos do qual tomou conhecimento e transmitir sua opinião.

Os cordelistas, mais que contar um fato, o comentam. Opinam, julgam, sentem o fato e os seus impactos. Ele não olha para o fato de fora, não pretende seguir a famigerada objetividade e imparcialidade jornalística. Ele se envolve. “O que mais importa é o comentário que o poeta faz diante do ocorrido” (LUYTEN, 1992, p. 62)

Quando encontramos folhetos noticiosos, muito mais que informação, vemos a opinião do poeta ali retratada, apresentada e justificada pelos fatos. E o público leitor desses cordéis aceita a opinião, pois, muito comumente, compartilha dessas opiniões. O poeta dificilmente vai de encontro à ordem já estabelecida em sua comunidade. Os leitores confiam na informação interpretada pelo cordelista e ele se torna uma referência.

Os folhetos de acontecidos servem também como registro de uma memória, pois relatam fatos de relevância pública. Curran (2003) afirma que a função que o cordel possui de informar continua sendo cumprida, além de ensinar e divertir o público. Expressa a opinião do meio onde ele circula. Considera, ainda, que “o cordel é o documento popular mais completo da história do Nordeste brasileiro.” (CURRAN, 2003, p. 20).

De acordo com Curran (2003) a literatura de cordel, quando faz o registro dos momentos históricos, assume características de crônica poética. Para ele, o cordel é, antes de mais nada, poesia popular, e, portanto, reporta eventos opinando sobre eles e levando para os consumidores locais as mensagens dos veículos de massa recodificadas.

O cordel é capaz de realizar uma mimese da vida real, do cotidiano, adicionando mais um elemento: o imaginário. Como Literatura, o cordel também representa o real, além da imaginação, do mágico, do fantástico. Histórias míticas que se fundem com as histórias do cotidiano dos poetas. Fatos de repercussão social acrescidos de poesia e de outros elementos literários, como a manifestação das emoções através dos versos, permitem que aproximemos os folhetos de cordel das crônicas de jornal.

grupo. O líder seria responsável por absorver as informações oferecidas pela mídia e levá-las a seus pares, dentro da comunidade onde circula. Ele faz o papel de formador de opinião. (WOLF, 1995)



Considerações finais

A literatura de cordel é suporte para os mais diversos tipos de texto, atuando como um eficiente veículo de comunicação, levando informação, opinião, propaganda, interpretação de fatos, tudo isso feito em verso, em uma poesia .

O cordel é, então, uma forma poética que, dentre tantas especificidades, temas e formas, diante de uma notícia, transforma-a em poesia. Uma poesia leve, próxima da oralidade, feita para ser cantada e interpretada. Essa notícia não será apresentada sem o acréscimo das emoções e das interpretações do poeta. Ele oferecerá ao público mais do que a informação, já que é fácil de ser adquirida nos tantos outros veículos de comunicação, insere também uma tradução do fato diante de sua ótica e suas avaliações.

Da performance, o poeta transcreve seus versos e o ouvinte transforma-se em leitor que vai comprar o folheto e divulgá-lo, mostrar ao mundo, ou simplesmente guardá-lo para deleite futuro. O que acontece aí é a manutenção e perpetuação de uma memória coletiva, feita pelo registro do poeta a partir da individualidade com que vê o mundo. Cordéis são capazes de oferecer aos fatos do cotidiano um tom poético e, portanto, conseguem permanecer por mais tempo que uma notícia resistiria. Os cordéis, por conterem traços de linguagem literária ao tratar de um fato da atualidade, conseguem unir a efemeridade da notícia à perenidade da literatura.

O imaginário popular é muito presente na Literatura de cordel, e, ao fazer o relato de um acontecimento, esse imaginário não fica de fora. Esse imaginário, seus símbolos e significados farão do relato poético da realidade uma crônica da vida, um texto em que se consegue perceber o mundo pela ótica do poeta. É explorado dos acontecimentos não o que eles têm de mais relevante para a sociedade, mas o que eles têm que mais interessa ao poeta, mais o emociona, mais lhe toca a alma.

Referências Bibliográficas

- CARVALHO, Gilmar de. **Madeira Matriz: cultura e memória**. São Paulo: Annablume, 1998
- _____. (Org.) **Patativa em sol maior: treze ensaios sobre o poeta pássaro**. Fortaleza: edições UFC, 2009
- BRASIL, Aléxia. **Cordel Digital**. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2005
- ASSARÉ, Patativa do. **Aqui tem coisa**. São Paulo: Hedra, 2004
- ABREU, Márcia. **Histórias de cordéis e folhetos**. Campinas: Mercado das letras, 1999
- CURRAN, Mark. **História do Brasil em cordel**. São Paulo: Edusp, 2001.



DIEGUES, Manuel et al. **Literatura Popular em Verso: estudos**. Editora Universidade de São Paulo; Rio de Janeiro: Fundação Casa de Rui Barbosa, 1986

HOHLFELDT, Antonio; MARTINO, Luiz C.; FRANÇA, Vera Veiga. (organizadores) **Teorias da Comunicação: conceitos, escolas e tendências**. Petrópolis: Vozes, 2001.

KUNZ, Martine. **Cordel: a voz do verso**. Fortaleza: Museu do Ceará, 2001

LEMAIRE, Ria. **Reler os textos: resgatar as vozes**. In FUNK, G. **Estudos sobre Patrimônio oral**. Câmara Municipal de Ponta Delgada. Açores. 2007

_____. **Entre Oralidade e Escrita: as verdades da verdade**, In: **Actas do congresso Literaturas marginais**, Porto, Ed. da Universidade do Porto, Portugal: 2008

LUYTEN, Joseph Maria. **A notícia na literatura de cordel**. São Paulo: Estação Liberdade, 1992

NETO, Crispiniano. (Org.) **Lula na Literatura de Cordel**. Fortaleza: Imeph, 2009

SANTOS, Francisca. **Poética das vozes e da memória**. In: Cordel nas gerais: oralidade, mídia e produção de sentido. Org: MENDES, Simone. Fortaleza: Expressão Gráfica, 2010

TAVARES JR, Luiz. **O mito na literatura de cordel**. Rio de Janeiro: Tempo Brasileiro, 1980

WOLF, Mauro. **Teorias da comunicação**. Lisboa: Editorial Presença, 1995